

O PLANETA BRANCO

Miguel Sousa Tavares

I

Navegavam pelo espaço há vários dias, dentro da sua pequena nave branca – Ítaca-3000. Tinham sido lançados do coração de África para o espaço, do calor de África para o frio que reinava lá fora. Um foguetão transportara a nave até ao limite da atmosfera terrestre e daí, com um último rugido dos seus potentes motores, empurrara a pequena nave para diante e desintegrara-se a si próprio.

A Ítaca-3000 ficara sozinha na imensidão de um céu que era luminoso de dia, quando navegavam no quadrante do Sol, e escuro como breu durante a noite. Depois da separação do foguetão e dos solavancos que se seguiram, parecendo que a nave se ia partir aos bocados, tudo ficou silencioso e quieto a bordo. À medida que se soltavam da órbita da Terra e, com o motor auxiliar desligado, deslizavam tranquilamente como se viajassem numa estrada de espuma.

Os três astronautas espreitaram pelas pequenas janelas laterais de bordo, a que chamavam escotilhas, vendo ao longe a Terra a desaparecer aos poucos, tornando-se cada vez mais distante e mais pequena, as manchas castanhas dos vales e das planícies, as manchas verdes das florestas, as manchas cinzentas das cidades que de noite se iluminavam como um presépio visto ao longe e as manchas das nuvens e das neve eternas que cobriam os cumes das mais altas montanhas. E, por entre todas as outras cores, o azul dos mares e oceanos, parecendo, dali de cima, formar pequenas baías como poças de água entre a areia e as rochas de uma praia.



O PLANETA BRANCO

Miguel Sousa Tavares

Lucas era o mais velho e, por isso, o chefe da missão. Tinha o cabelo castanho e uns olhos verdes muito calmos, que às vezes pareciam tristes, outras vezes pareciam apenas preocupados. Falava pouco e passava a maior parte do tempo entretido a verificar todos os aparelhos e os indicadores de bordo, a confirmar no computador que tudo estava certo – a rota, a altitude, a velocidade, a inclinação, os painéis solares que davam energia à nave, o sistema de comunicações com Terra, os lemes laterais, que serviam para mudar de direcção ou de altitude. Duas vezes ao dia – quando amanhecia na nave e logo antes de o Sol se pôr para eles –, Lucas entrava em comunicação com a base de Terra e fazia um relato completo de tudo o que tinha sucedido a bordo e que observara. Então, a base fazia-o testar os sistemas todos, para confirmar que tudo estava em ordem e que a viagem podia prosseguir, como planeado.

Lydia era a piloto auxiliar e navegadora. Cabia-lhe a missão de substituir Lucas, se este adoecesse ou por qualquer outra razão estivesse incapaz de dirigir a nave. E era também ela que a todo o instante actualizava os cálculos sobre a navegação, conferindo-os com os do computador, e quem anunciava aos outros onde estavam e que astros e planetas poderiam ver se espreitassem pela escotilha. Era uma rapariga vietnamita, de olhos oblíquos, cabelo curto escuro como breu, muito arrumada e organizada e que passava todos os tempos livres a ouvir música nos seus auscultadores.

O terceiro astronauta era Baltazar, o mais novo deles, negro de Moçambique, que desempenhava as funções de engenheiro de bordo. Era ele que tinha de reparar todas as avarias que acontecessem nos sistemas e, por isso, passava o tempo todo a testar a quantidade imensa de equipamentos que havia a bordo da Ítaca. Mas Baltazar era um brincalhão que nunca conseguia estar quieto. Adorava passear-se pelo espaço reduzido da nave, flutuando no ar, devido à ausência de gravidade, que faz com que os corpos não tenham peso e fiquem suspensos no ar, a menos que, como sucedia habitualmente com os astronautas, estivessem sentados e atados pelo cinto de segurança às cadeiras. A bordo da Ítaca, como em todas as outras naves, havia umas argolas de ferro presas às paredes e ao tecto, para os astronautas se agarrarem, quando tinham de se deslocar para ir à casa de banho, à despensa e cozinha ou para os beliches onde dormiam, e assim não andarem de encontro às paredes ou às máquinas. Mas, para Baltazar, o maior divertimento era mesmo o de se deslocar pelo ar, sem se agarrar a nada, tentando chegar aos sítios, esbracejando, como se estivesse a nadar no mar. Os outros fartavam-se de rir com ele, vendo-o a esbarrar constantemente em tudo, mas, às vezes, Lucas achava que a brincadeira os distraía de mais e ordenava:

- Baltazar, volta para o teu lugar e senta-te já, que isto é uma nave espacial, não é nenhum jardim infantil!

O PLANETA BRANCO
Miguel Sousa Tavares



E Baltazar lá voltava, sempre a rir e a contar anedotas, para o seu lugar de engenheiro, que ficava atrás da cadeira de Lydia – a qual se sentava à frente, à direita, ao lado de Lucas, que ia sentado do lado esquerdo da frente, que é o lugar dos comandantes das naves, dos aviões, dos chefes de bando dos pássaros e de tudo o que voa.